



SEPARADOS, MAS IGUAIS?

***Wagner Strachicini**

Há quase 65 anos, no dia 01.12.1955, uma costureira saiu do seu trabalho e tomou o ônibus para voltar para casa, na cidade de Montgomery, capital do estado do Alabama, no sudeste dos Estados Unidos. Seu nome era Rosa e tinha 42 anos de idade. Ela sentou-se no 1º banco reservado para as “pessoas de cor”. Não demorou muito para o coletivo ficar lotado. Apesar de a comunidade afrodescendente constituir-se maioria na cidade, uma lei estadual determinava que as pessoas da “raça negra” deveriam ceder seus lugares para as da “raça branca” viajar sentadas. Os demais ocupantes de pele escura cederam seus assentos, mas Rosa permaneceu sentada. O motorista a advertiu que caso não se levantasse chamaria a polícia. “Pois faça isso”, respondeu Rosa. Logo em seguida foi levada para a prisão. Dessa maneira, ela saiu do banco do ônibus para entrar para a história do movimento antirracista. A jovem costureira sabia o que estava fazendo, pois era, de fato, Rosa Parks (1913–2005), uma ativista dos direitos civis.

Nesta mesma época, um jovem pastor batista, de apenas 26 anos, Martin Luther King, Jr. (1929–1968) começou a chamar a atenção do público. King havia chegado a Montgomery há pouco tempo e presidia a “*Southern Christian Leadership Conference*” (SCLC), para trabalhar em prol dos direitos civis. O pastor tinha grande capacidade de oratória, suas mensagens cristãs tinham um viés chamado de “evangelho social”, era pacifista e pregava atos de não-violência. Conforme alguns estudiosos, a resistência sem agressão e a desobediência civil que constituíam o modo de ser de King, não eram para “derrotar os opositores”, mas sim, uma estratégia para “ganhar a sua amizade e a sua compreensão”.

Ao ouvir a história de Rosa, a SCLC deflagrou um boicote ao sistema de transporte de ônibus. Assim, as “pessoas de cor”, que constituíam cerca de 70% dos passageiros habituais deixaram de usar os ônibus. Encontraram alternativas em bicicletas, caronas, carros particulares e andavam até à pé. Obviamente, o sistema de ônibus da cidade entrou em colapso. Circulavam quase vazios. Depois de algum tempo, Rosa foi libertada, mas perdeu o emprego. Passou a sofrer assédio moral e foi até ameaçada de morte, o que levou a família a mudar de cidade. A Suprema Corte demorou até 13.11.1956 para revogar a lei estadual, considerando inconstitucional a chamada “doutrina dos separados, mas iguais”. Assim, 1 ano depois, em 20.12.1956, a SCLC anunciou o fim do boicote.



Na cidade de Troy, 80 km distante de Montgomery, John começou a ouvir as pregações de Luther King pelo rádio. O jovem entusiasmou-se com as ideias, que falava do “evangelho social”. Estudioso, faltando 5 dias para completar 16 anos de idade, John subiu ao púlpito da Igreja para pregar o seu 1º sermão. Ganhou destaque no jornal onde a matéria o chamou de “menino pastor”. A mãe de John, que trabalhava meio período na “Igreja Batista Branca”, viu no jornal da Convenção Batista do Alabama (100% branca), um anúncio do Seminário Teológico Batista de Nashville, apoiado pelos batistas negros. Logo que terminou o ensino médio, John inscreveu-se e foi aceito conseguindo um emprego para lavar pratos e servir comida no bandeirão da Universidade. Para ele foi bom, pois teve oportunidade de entrar em contato com professores, alunos e visitantes; “afinal, todo mundo tem que comer”, dizia ele.

Em Nashville, o jovem começou ser influenciado por uma noção de valores e a pensar que poderia engajar-se no movimento antirracista. Estas ideias passaram a formar sua filosofia de vida, com base na paz, no amor e no caminho da não violência. Na Igreja Batista de Nashville que frequentava, certa vez ocorreu uma palestra sobre pacifismo. A paróquia era composta somente por americanos-africanos, que haviam deixado a “Igreja Branca”, pois tinham que fazer suas orações em separado, na galeria. O palestrante, James Morris Lawson, Jr. (1928–) falou sobre o exemplo liderado por um advogado chamado Gandhi (Mahatma Gandhi, 1869–1948), pela independência da Índia dos domínios da Inglaterra, através da não-violência advinda do Jainismo e, que esta prática poderia ser aplicada para libertar os EUA do mal do racismo, do mal da pobreza e do mal da guerra.

Foi a partir deste momento, que o jovem John (John Lewis, 1940–), congressista estadunidense há 33 anos, liderou o “Movimento Estudantil de Nashville” (SNCC). E o que eles fizeram? O que os incomodava mais? Que práticas adotaram? Nas lojas do centro da cidade, eles podiam entrar e fazer compras pagando o mesmo preço que clientes brancos, mas não podiam usar o provador de roupas nem sentar-se nos balcões da lanchonete. Então, eles elegeram este o 1º alvo. No dia 28.11.1959, começaram um “teste” denominado de “*sit-in*”. Um pequeno grupo entrou na loja. Fizeram algumas compras de alimentos para legitimar que eram clientes pagantes e foram sentar-se no balcão de lanches. Logo a atendente pediu para que se retirassem. Conforme combinado, somente 1 deles falaria. Este, então, pediu para chamar o gerente, que disse: “não fazia parte da política da loja servir gente de cor”. Assim, saíram sem reclamar, sem protestar e sem violência.

Dali por diante, repetiram a prática em diversas lojas, sempre seguindo o código de conduta do movimento: não retaliar; não falar mal; não reagir; não rir; ser simpático; ser ordeiro. De vez em quando, os atendentes os expulsavam jogando baldes de água sobre eles. Em outros pontos do país, além dos movimentos liderados por Luther King e John Lewis, outros grupos começaram a organizar-se adotando os métodos pacíficos de desobediência civil. Quando foi lançado o filme “Os Dez



Mandamentos”, adotaram outra tática chamada “*stand-in*”. Sabiam que não poderiam entrar no “cinema dos brancos”, mas misturavam-se na fila e quando chegavam ao caixa, colocavam o dinheiro equivalente à compra do bilhete. Ao ouvir: “desculpe, mas não posso lhe vender o ingresso”, voltavam para o final da fila, repetidas vezes. Aos poucos, a imprensa começou noticiar as ações e a polícia os reprimia ou prendia, mas logo eram soltos, pois não praticavam qualquer ato de violência.

O auge do movimento foi a “Marcha para Washington”, em 28 de Agosto de 1963, que levou cerca de 250 mil pessoas para uma manifestação pacífica. O ambiente social e político nos EUA estava tenso. John Fitzgerald Kennedy (1917–1963) era o Presidente. Seu irmão, Robert Kennedy (1925–1968), era o equivalente ao ministro da Casa Civil. Pelo menos 3 eventos trouxeram a crise para dentro da Casa Branca: 1. A invasão de Cuba; uma operação deflagrada para derrubar o ditador cubano Fidel Castro (1926–2016), composta por cubanos treinados pelo exército estadunidense, que foi um fracasso. Em menos de 3 dias, as tropas de Fidel derrotaram os invasores, humilhando os Estados Unidos perante o mundo. 2. A Guerra do Vietnã; outro grande fracasso, marcado pelo uso excessivo de violência contra civis e o grande número de mortos, gerando muitos protestos nos EUA e originando a *contracultura*, com grande engajamento da classe de intelectuais e artistas. 3. O Movimento dos Diretos Civis da população afro-americana, que mesmo após 100 anos do fim da escravidão, banida em 1863, continuava sofrendo discriminação.

Martin Luther King, Jr. (1929–1968), James Farmer (1920–1999), John Lewis (1940 –), Asa Philip Randolph (1889–1979), Roy Wilkins (1901–1981) e Whitney Young (1921–1971), foram chamados ironicamente de “Os Seis Grandes”, por liderarem movimentos em suas regiões e por terem feitos os discursos perante a multidão, que se aglomerou em frente à Casa Branca. Além de Rosa Parks, outras mulheres também se destacaram em movimentos abolicionistas e antissegregacionistas, ao modo de Diane Judith Nash (1938–), Harriet Tubman (1822–1913), Amelia Boynton Robinson (1911–2015) e Genevieve Hughes (1932–2012), entre outras.

Antes dos discursos, um grande show foi montado com artistas renomados iguais a: Mahalia Jackson, Odetta Holmes, Joan Baez, Bob Dylan, Josh White e Peter, Paul & Mary. Neste dia foi proferido o famoso discurso de Luther King onde ele dizia “Eu tenho um sonho...”, sobre a necessidade de união e harmonia entre os povos de qualquer raça. Quando a programação acabou, todos os oradores foram convidados à Casa Branca sendo recebidos pelo presidente Kennedy, que ouviu as argumentações do protesto pacífico organizado pelo grupo.

Enquanto isso, a organização do evento, liderada por Bayard Rustin (1912–1987), tratou de desmontar toda a infraestrutura do evento deixando tudo em perfeita ordem. A partir da “Marcha para Washington” outras marchas se seguiram. Por exemplo, a “Marcha da Ponte Edmund Pettus”, destinada ao direito ao votos dos



afrodescendentes, reprimidas com lanças de água do Corpo de Bombeiros sobre os manifestantes pacíficos. Infelizmente, 3 meses depois, em 22.11.1963 o Presidente Kennedy foi assassinado. Cinco anos depois, em 1968, Martin Luther King e Robert Kennedy também foram mortos por assassinos. Contudo, o movimento avançou e novas leis foram aprovadas com direitos a favor dos afrodescendentes sendo conquistados. Em 2009, Barack Obama (1964–), tornou-se o 1º presidente negro a governar o país por 2 mandatos seguidos (2009–2017).

Para finalizar, eis, em ordem alfabética, 8 ortopensatas pertinentes ao tema deste artigo e 5 questionamentos para reflexão e introspecção das prezadas leitoras e dos caros leitores visitantes do site do Colégio Invisível da Recexologia (CIR):

Ortopensatas:

1. Parcialidades

* *“A ausência da fraternidade se manifesta de maneira mais evidente nas segregações, racismos, partidos, facções, seitas, corporativismos e parcialidades”.*

2. Racismo

* *“O racismo é pura ignorância. A galinha preta põe ovo branco”.*

* *“O racismo jamais deixa de ser uma questão genuinamente animal”.*

* *“Quem é muito patriota tende a se mostrar racista”.*

* *“Enquanto se exaltar o racismo e também o antirracismo, ainda não alcançamos a real emancipação racial, étnica ou eugênica”.*

* *“Até mesmo entre os defensores dos animais pré-humanos encontramos as pessoas racistas, umas a favor dos gatos e outras a favor dos passarinhos”.*

3. Racista

* *“O maior racista é a pessoa que afirma gostar mais dos cavalos do que das pessoas”.*

4. Xenofobia

* *“Toda manifestação de racismo, xenofobia e diferenças de classes sociais expressa ignorância evolutiva indefensável, sem exceção.”*

Questionamentos:

1. Você discrimina ou sofre discriminação devido à cor da pele?
2. Considera a igualdade de todos os seres humanos?
3. O que pensa sobre as conquistas com base no pacifismo adotado pelo movimento dos direitos civis dos EUA?
4. Já parou para pensar que “todo sangue é vermelho” e que “todo corpo faz sombra?”.
5. Pode considerar a Reciclagem Intraconsciencial (recin) e a Reciclagem Existencial (recéxis) acerca destas ideias?

Bibliografia:

1. Lewis, John; *“A Marcha: John Lewis e Martin Luther King em uma história de luta pela liberdade”*; John Lewis; Andrew Audin & Nate Powell; 1ª Ed.; São Paulo, SP: Editora Nemo; Livro 1, 2018 e Livro 2, 2019.



2. **Vieira, Waldo; “Léxico de Ortopensatas”;** revisores: Equipe de Revisores do Holociclo; 2 Vols.; 1.800 p.; Vols. 1 e 2; 1 blog; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 6.476 termos; 1.811 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 20.800 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 10 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 355, 514 e 515 do Vol. 2.
- Artigo escrito para o **Colégio Invisível da Recexologia (CIR)** por Wagner Strachicini, Integrante deste Colégio e Voluntário no IIPC-CEA/SP.
 - Autor do Livro **“Consciência Antidogmática: Reciclagem de Ideias Dogmáticas da Ciência Filosofia e Religião pela Conscienciologia”** (Editares) e Organizador do Livro **“Zeca, 100 anos: Memórias”** (Edição do Autor).

Wagner Strachicini (1957–) é graduado em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia de Construções Civis. Extensão Universitária em Engenharia, Gestão Industrial e Gerência de Projetos. Voluntário da Conscienciologia desde 2019. Atualmente voluntario da UNIESCON. Pesquisador e Coordenador Conjunto do *Colégio Invisível da Recexologia (CIR)* desde 2017. Tenepessista desde 2014. Verbetógrafo da *Enciclopédia da Conscienciologia* desde 2014. Autor do livro *Consciência Antidogmática: Reciclagem de Ideias Dogmáticas da Ciência, Filosofia e Religião pela Conscienciologia* (Editares) e Organizador de 2 livros da família: *Zeca 100 Anos: Memórias* e *Glória 90 anos: Histórias* (e-book Amazon).

wagner.strachicini@gmail.com

<https://www.recexologia.org.br>